

A morte lhe cai bem

Reconsiderando o significado do mobiliário funerário na construção do prestígio social

In the country of all deaths. El Salvador, security policies and representations of the murders



RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir o papel do mobiliário funerário (ou acompanhamentos) na construção do prestígio e da memória social, a partir da apresentação de um estudo de caso específico. Os objetos depositados com os mortos, desde as abordagens teórico-metodológicas mais antigas dos estudos dos contextos funerários, constituíram o elemento central da cultura material de natureza funerária sobre o qual os pesquisadores se debruçavam para reconstruir aspectos da organização social e alcançar aspectos simbólicos dos rituais mortuários. Contudo, devido à característica multifacetada do registro arqueológico dos sepultamentos, as análises interdisciplinares têm possibilitado reconsiderar as relações entre os artefatos e os valores socioculturais de riqueza e prestígio, sob a ótica das diferentes abordagens interpretativas das linhas teórico-metodológicas da Arqueologia Funerária.

Palavras-Chave: Arqueologia funerária – Mobiliário funerário – Prestígio social – Contextos funerários – Memória social

ABSTRACT

This article aims to discuss the role of grave goods in building social memory and prestige from the presentation of a specific case study. According to traditional theoretical and methodological approaches of the studies of funerary contexts, the objects placed with the dead were the central element of the funerary material culture upon which researchers worked to reconstruct aspects of social organization and to achieve symbolic aspects of the mortuary ritual practices. However, due to the multifaceted nature of the archaeological records from burials, interdisciplinary analyzes have recently enabled us to reconsider the relation between artifacts and sociocultural values of wealth and prestige from the perspective of the different interpretive approaches of theory and method of Funerary Archaeology.

Keywords: Funerary archaeology – Grave goods – Social prestige – Funerary contexts – Social memory

* Doutora em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), junto à Universidade de São Paulo (USP). Professora Visitante Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (CAAF), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Pós-doutoranda pelo MAE-USP. CV: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4765717J5>



“A morte lhe cai bem” enquanto adaptação para o português do título do longa-metragem de 1992, dirigido por Robert Zemeckis, cujas personagens principais são estreladas por Meryl Streep, Goldie Hawn e Bruce Willis, pode não fazer jus à tradução literal do título original em inglês, “Death becomes her” e, aparentemente, nem ao enredo do filme.¹ A trama principal é a busca pela juventude eterna e pela imortalidade, adquirida pela ingestão de uma poção mágica. A imortalidade é alcançada por parte das duas personagens principais – Madeline Ashton (Meryl Streep) e Helen Sharp (Goldie Hawn) –, porém, a poção não possui função regenerativa e não funciona para eliminar ou mesmo retardar as propriedades putrefativas dos tecidos moles, sobretudo, da pele. As duas tornam-se, portanto, viciadas nos procedimentos do Dr. Ernest Menville (Bruce Willis), cirurgião plástico, na tentativa de manter a juventude e a beleza eternas. Sofrendo o efeito das marcas corporais provenientes de ações letais, como um tiro no abdômen e a queda de uma escada, as personagens literalmente acabam imortalizadas “em pedaços”.

O tema de “A morte lhe cai bem” é um dos mais recorrentes quando tratamos da morte e dos esforços humanos na tentativa de dribla-la e supera-la enquanto fato inevitável da vida. A busca pela imortalidade corresponde a uma aspiração humana expressa de maneiras diversificadas por diferentes sociedades, em contextos históricos e geográficos distintos. “Coco”, título original em inglês – tradução adaptada como “Viva – a Vida é uma Festa” para o português – constitui outro exemplo recente, lançado em 2017, de um longa-metragem de animação computadorizada da Pixar Animation Studios,² uma subsidiária da The Walt Disney Company, que retrata as estratégias utilizadas pela cultura mexicana para buscar uma forma de superar a morte enquanto aniquilação dos indivíduos.

O filme, dirigido por Lee Edward Unkrich e Adrian Molina, aborda diferentes concepções da morte e do morrer, e atribui à perpetuação da memória social o alcance da imortalidade. Durante as festividades dos Dias dos Mortos (Días de Muertos), um garoto de 12 anos chamado Miguel Rivera é acidentalmente transportado para o mundo dos mortos, onde procura pela ajuda de seu tataravô, Ernesto, um músico famoso, para que ele o leve de volta para a sua família no mundo dos vivos.

À procura de seu tataravô no mundo dos mortos, Miguel encontra uma das personagens do filme, Héctor, um esqueleto que, em vida, havia sido parceiro de Ernesto, e que estava literalmente desaparecendo, devido à ausência da lembrança de sua memória por parte dos vivos, familiares e amigos. Quase ninguém mais no mundo dos vivos dedicava para Héctor objetos na ofrenda, uma espécie de altar reservado ao morto, contendo sua foto e os diversos tipos de oferendas depositadas pelos vivos, como alimentos, flores e ramos, e souvenirs em geral. Desolado com as consequências da atitude dos vivos no porvir, as palavras de Héctor para Miguel explicitam de forma evidente duas concepções distintas de morte e do morrer:

- *Nossas memórias, elas devem ser transmitidas para aqueles que nos*

¹ A MORTE lhe cai bem (filme). Direção de Robert Zemeckis, 1992 (103min.). Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0104070/>>. Acesso em: 18/06/2018.

² VIVA a vida é uma festa (filme). Direção de Lee Edward Unkrich e Adrian Molina, 2018 (1h 45min.). Disponível em: <<https://www.pixar.com/>>. Acesso em: 10/07/2018.



conheciam em vida – nas estórias que eles contam sobre nós [...]. Quando não há mais ninguém no mundo dos vivos que lembre de você, você desaparece deste mundo [o mundo dos mortos]. Nós chamamos de Morte Final...³

Segundo a fala de Héctor, a princípio, morrer não significa o fim da existência do indivíduo no cosmos, mas apenas uma passagem para uma outra vida em outro mundo, o mundo dos mortos. Porém, a imortalidade no mundo dos mortos depende inteiramente dos vivos, por meio de dois conjuntos de ações distintas. Um deles é expresso materialmente pelos objetos depositados na ofrenda para o morto, e o outro é efetuado pela lembrança das histórias e dos feitos do morto em vida, que são contados e rememorados pelos vivos de geração em geração. A morte só se torna aniquilação do indivíduo no sentido de inexistência total, de desaparecimento completo da existência material e imaterial do morto em ambos os mundos, dos vivos e dos mortos, quando a perpetuação de sua memória não é mais mantida pelos vivos.

Ambos os exemplos hollywoodianos, “A morte lhe cai bem” e “Viva – a Vida é uma Festa”, surgem como ponto de partida para refletirmos sobre a performance ritual executada no momento da morte em diferentes sociedades e contextos históricos, inclusive os desdobramentos materiais de determinadas práticas e ações humanas ritualizadas que, por meio de suas funções e papéis sociais, configuram o registro mnemônico e conferem, com uma duração determinada, a “imortalidade” de um indivíduo ou de um grupo.

O temor da aniquilação do indivíduo por meio de sua ausência no mundo material dos vivos em decorrência da morte e da inexistência no mundo dos mortos é verificado no universo das crenças e da religiosidade da mitologia grega. As fontes textuais de Período Arcaico e Clássico indicam que a passagem do morto do mundo dos vivos para o mundo dos mortos é feita pela travessia do rio Léthe (em grego: λήθη), personificação do esquecimento, filha de Éris (do grego: λήθη – discórdia),⁴ cujas águas corriam da caverna de Hýpnos (em grego: Ὕπνος, personificação do sono e irmão da morte, Thánatos – grego: Θάνατος) até o Hades, o mundo dos mortos.⁵

Os mortos deveriam beber das águas de Léthe para esquecer a vida no mundo dos vivos e entrar no mundo dos mortos. As águas do rio Mnemosýne (do grego: Μνημοσύνη – memória), em contrapartida, ofereciam o ingresso e a eternidade da existência no mundo dos mortos. A morte (Thánatos), o esquecimento (Léthe) e a memória (Mnemosýne) aparecem, portanto, associadas (Nagy, 1990, p. 58-68; Detienne, 1996) e referem-se ao momento da morte, e a suas características aparentemente contraditórias, porém intrínsecas, de esquecimento e memória

³ Idem. Trecho original em inglês: - Our memories, they have to be passed down by those who knew us in life - in the stories they tell about us [...]. When there's no one left in the living world who remembers you, you disappear from this world. We call it the Final Death... Tradução nossa.

⁴ HESÍODO, *Teogonia*, 227. A tradução aqui utilizada é: HESÍODO, *Teogonia*. A origem dos deuses. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Massao-Ohno, 1981.

⁵ Disponível em: <https://chs.harvard.edu/CHS/article/display/61178-hesiod-the-rhapsode#noteref_n108>. Acesso em: 20/06/2018.

(imortalidade).⁶ Morrer é literalmente uma travessia, uma passagem de um mundo para o outro. Não significa cair no esquecimento e a aniquilação completa da existência, material e imaterial. O morto finaliza sua vida no mundo dos vivos, porém inicia uma nova vida no mundo dos mortos. A ausência física no mundo dos vivos é compensada pela perpetuação de sua memória (remembrance – Williams, 2003), e é ela que garante a vida eterna no mundo dos mortos e a imortalidade da existência imaterial do morto no mundo dos vivos.

A perpetuação da memória do morto (remembrance) pelos vivos adquire expressões materiais, físicas, que são, de fato, os resultados dos rituais executados no momento da morte e em ocasiões posteriores, como nas datas específicas estabelecidas para celebrar os mortos. Os rituais de lamentação (próthesis) e cortejo fúnebre (ekphorá) (De Souza, 2015d), a própria construção dos túmulos e monumentos para o morto e, sobretudo, a deposição de objetos com o morto no momento do sepultamento e sobre o túmulo constituem as representações materiais da memória do morto.

Durante muitas décadas, a Arqueologia privilegiou o estudo do conjunto dos objetos depositados com o morto⁷ como uma expressão material de riqueza e prestígio social do morto individualmente ou do grupo ao qual ele pertencia em vida. Contudo, inúmeros exemplos de estudos mais recentes que integram as análises dos contextos funerários como um todo, considerando seus elementos constitutivos em associação, evidenciam o papel e os desdobramentos da agência humana na performance dos rituais em relação à morte, enfatizando a pluralidade de significados e das representações identitárias, por meio da materialidade da memória (Rowlands, 1993; Shanks, 1995; Langdon, 2001; Van Dyke & Alcock, 2003; Williams, 2003; Lesure, 2005; Joyce, 2005; Sofaer, 2006; Crossland, 2010; Knappett, 2011; Knüsel, 2014).

As pessoas lembram ou esquecem do passado de acordo com as necessidades do presente e a memória social é um processo ativo e contínuo [...]. A memória social é frequentemente utilizada para naturalizar ou legitimar autoridade [...] o uso recorrente da memória social é criar e sustentar um sentimento de identidade individual e comunitária (Van Dyke & Alcock, 2003, p. 3).⁸

Neste artigo discutimos os significados do mobiliário funerário, a partir das diferentes

⁶ *Orphic Hymn 84 to Hypnos*. A edição utilizada aqui é: *The Hymns of Orpheus*. Tradução de Taylor, Thomas (1792). Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1999.

⁷ Na literatura arqueológica dos contextos funerários há uma quantidade variada de termos para se referir aos objetos depositados na sepultura. O termo mais frequente em inglês é "grave goods" e as traduções adaptadas à língua portuguesa apresentam algumas variações, sem haver, portanto, um consenso entre os pesquisadores. Os três vocábulos mais usuais são: "oferendas" – termo menos recorrente e bastante criticado por apresentar de forma intrínseca um sentido de culto aos mortos –, "mobiliário funerário" e, mais recentemente, "acompanhamentos" – termo bastante utilizado nos estudos de contextos arqueológicos brasileiros e considerado mais "neutro" em relação aos demais, sem denotar necessariamente qualquer significado ritual de culto aos mortos ou, ainda, associado à crença de vida após a morte e ao animismo. Todavia, para fins classificatórios e metodológicos de análise da cultura material de natureza funerária, entendemos o termo "mobiliário funerário" como o conjunto de objetos que compõe a estrutura funerária como um todo – a mobília do contexto do sepultamento. Não há uma definição prévia e implícita para o termo, em relação ao mobiliário que é depositado com o morto para ser utilizado no mundo dos mortos.

⁸ Trecho original em inglês: "People remember or forget the past according to the needs of the present, and social memory is an active and ongoing process [...]. Social memory is often used to naturalize or legitimate authority [...] common use of social memory is to create and support a sense of individual and community identity".

abordagens teórico-metodológicas da Arqueologia Funerária⁹, com apresentação de um estudo de caso, para refletir sobre as noções de prestígio e seu papel social na construção material da memória e da identidade de determinado grupo, a fim de alcançar a imortalidade.

A morte e o mundo dos vivos: arqueologia, materialidade e representação

A materialidade da morte é caracterizada por uma natureza multifacetada, que abrange aspectos religiosos, culturais, ideológicos, sociais e psicológicos, e valores morais, éticos e estéticos variáveis histórica e geograficamente. Estudar a morte a partir de suas características abstratas e conceituais constitui um exercício árduo e, muitas vezes, pouco profícuo no terreno da pesquisa arqueológica (Ribeiro, 2007; De Souza, 2011). A Arqueologia Funerária ou Arqueologia das Práticas Mortuárias consiste um ramo da Arqueologia que estuda os aspectos concretos da performance dos rituais que envolvem a morte enquanto fenômeno do comportamento e das ações humanas que produzem vestígios materiais passíveis de análise¹⁰. Tais vestígios formam a cultura material de natureza funerária e correspondem ao conjunto complexo e diversificado do registro arqueológico que compõe o contexto funerário.

Podemos destacar cinco aspectos fundamentais da natureza do registro arqueológico funerário:

- 1) Fragmentário. Como característica universal de qualquer registro arqueológico, os elementos materiais constitutivos dos contextos funerários são apenas uma porcentagem dos objetos e artefatos originais, isto é, representam uma parte do todo.
- 2) Incompleto. Apesar de seu caráter complexo, o registro funerário é o resultado concreto de apenas uma parte dos ritos executados pelos vivos. Nem todas as etapas que envolvem as exéquias geram registro material ou são visíveis arqueologicamente.
- 3) Parcial. As práticas rituais mortuárias identificadas no registro arqueológico constituem apenas uma parte do universo cultural, social e religioso de uma sociedade.
- 4) Seletivo e intencional. A materialidade dos rituais mortuários é produto da escolha humana e envolve intencionalidade.
- 5) Conceitual e funcional. Os contextos funerários compreendem criação e atribuição de

⁹ Os estudos dos contextos funerários atualmente configuram um ramo da Arqueologia. Contudo, não há um arcabouço teórico-metodológico específico, próprio da Arqueologia Funerária. O próprio termo não é consensual. Os primeiros estudos sobre a cultura material presente nos sepultamentos surgem no final da década de 1960 e início de 1970, sob a denominação de Arqueologia da Morte (*Archaeology of Death*) e Arqueologia das Práticas Mortuárias (*Archaeology of Mortuary Practices*), sobretudo nos Estados Unidos; Arqueologia dos Cemitérios (*Archéologie des Cimetières*), Arqueologia ou Ideologia Funerária (*Archéologie ou Idéologie Funéraire*), "Antropologia do terreno" (*Anthropologie "de terrain"*), Arqueotanatologia (*Archéothanatologie*) e Arqueologia dos Mortos (*Archaeology of the Dead*), na França. Para uma análise mais detalhada da historiografia da Arqueologia Funerária com uma discussão sobre suas fases e abordagens teórico-metodológicas distintas, ver Ribeiro (2007); De Souza (2011) e Silva (2014).

¹⁰ O uso do termo *Arqueologia das Práticas Mortuárias* e de seus derivados, como *práticas rituais funerárias*, reforça o sentido da materialidade da morte no registro arqueológico, enquanto resultado de uma série de práticas e ações humanas executadas de forma padronizada e sistemática que caracterizam o ritual e as exéquias. Para aprofundar a discussão semântica sobre os termos: Ribeiro, 2007 e De Souza, 2011.



sentidos e, portanto, possuem natureza polissêmica, envolvendo aspectos simbólicos e ideológicos de acordo com determinada funcionalidade.

Os dois últimos elementos característicos da cultura material de natureza funerária marcam a agência humana na performance das exéquias, uma vez que são realizadas pelos vivos. Na realidade, pelo menos até a metade do século XX ainda não é possível falar em Arqueologia Funerária. Os estudos relativos à morte e ao morrer estavam ligados fundamentalmente à Sociologia e Antropologia da Religião, à Filosofia e à Psicologia, e buscavam entender as razões, os porquês das variabilidades geográficas e históricas dos rituais mortuários a partir do mundo das crenças, das religiões das sociedades. Além disso, tais estudos estavam focados no entendimento do comportamento humano face à inevitabilidade da morte enquanto motivações emocionais, psíquicas e, dessa maneira, as exéquias seriam uma resposta do ser humano ao medo da morte.

A ênfase na seriação tipológica e cronológica do material arqueológico por meio das abordagens arqueológicas histórico-culturais (Childe, 1929, 1945) levou uma parcela considerável da literatura mortuária a preterir os variados vestígios dos contextos funerários, como os próprios remanescentes osteológicos, por vezes, ignorados ou, até, descartados. Os registros osteológicos humanos serviam para fundamentar aspectos de distinção racial, foco das análises em Antropologia Física do século XIX:

Encontramos certos tipos de vestígios – potes, instrumentos, ornamentos, ritos de enterramentos, formas de habitação – em conjunto. Tais complexos de vestígios com características associadas regularmente devem ser denominados de ‘grupo cultural’ ou simplesmente ‘cultura’. Assumimos que tal complexo corresponde à expressão material do que atualmente chamamos ‘pessoas’. Somente onde tal complexo está regularmente e exclusivamente associado a esqueletos [remanescentes ósseos humanos] de um tipo físico específico podemos substituir ‘pessoas’ pelo termo ‘raça’. (Childe, 1929, p. v, vi)¹¹ (inclusão e ênfase nossas).

A materialidade da morte, isto é, os vestígios materiais resultantes dos rituais funerários enquanto ações, práticas humanas, passa a ser sistematicamente estudada somente com a Arqueologia Processual, no final da década de 1960 e início de 1970 (por exemplo: Saxe, 1970; Binford, 1971; Tainter, 1975). Pela primeira vez a morte é examinada pelo viés arqueológico, considerando as várias dimensões da cultura material presente nos contextos funerários, inclusive os remanescentes osteológicos humanos, como fontes essenciais de informações sobre a organização e a estrutura social:

¹¹ Trecho original em inglês: “We find certain types of remains – pots, implements, ornaments, burials rites, house forms – constantly recurring together. Such a complex of regularly associated traits we shall term a ‘cultural group’ or just ‘culture’. We assume that such a complex is the material expression of what would today be called a ‘people’. Only where the complex in question is regularly and exclusively associated with skeletal remains of a specific physical type would we venture to replace ‘people’ by the term ‘race’”. Tradução nossa.

podemos esperar que as facetas da persona social simbolicamente representadas no ritual mortuário mudam com os níveis de participação corporativa no ritual, e, portanto, variam diretamente com a posição social relativa que o falecido ocupava em vida.

As seguintes contingências foram oferecidas por muitos investigadores como as dimensões primárias da persona social reconhecida (representada) no tratamento mortuário: (1) idade, (2) o sexo, (3) posição social relativa e a distinção da posição social ocupada pelo falecido dentro da unidade social, e (4) a filiação do falecido no que diz respeito aos segmentos de adesão da unidade social mais ampla, ou, no caso de simbolismo intersocial, a forma ritual da própria sociedade. (Binford, 1971, p. 17).¹²

Essas diferenças foram relacionadas com distinção de sexo por vestuário, personalidades e ferramentas que simbolizavam a divisão de trabalho entre masculino e feminino. Tais distinções frequentemente entrecruzam outras dimensões da persona social, tais como a afiliação a um grupo, posição social, etc.

As diferenciações no tratamento mortuário relacionadas com a posição social ou status do falecido exibem a maior variabilidade em relação à forma dos rituais mortuários [...]. Pessoas de status elevado podem ser enterradas em locais específicos, após preparação elaborada e incomum do corpo, e acompanhadas com símbolos materiais específicos e grandes quantidades de objetos. Pessoas de baixo status na mesma sociedade podem ser diferenciadas apenas por afiliação a um grupo e por sexo, sem tratamento específico relacionado ao status. Em alguns casos, o status pode prevalecer em relação à filiação à uma congregação no simbolismo mortuário, em proporção direta com o grau que os papéis desempenhados pelo falecido se relacionam especificamente com as atividades da comunidade em geral, ao invés de relacionar com um subgrupo específico. (Binford, 1971, p. 22-23)¹³ (grifo nosso).

A partir das abordagens arqueológicas processualistas, a quantidade e a composição do mobiliário funerário constituem elementos-chaves para a construção de análises estatísticas, visando identificar padrões gerais de comportamento socioculturais. Os objetos depositados com o morto são considerados, dessa forma, reflexo direto do prestígio social do morto na

¹² Trecho original em inglês: "we would expect that the facets of the social persona symbolically recognized in the mortuary ritual would shift with the levels of corporate participation in the ritual, and hence vary directly with the relative rank of the social position which the deceased occupied in life. The following contingencies have been offered by many investigators as the primary dimensions of the social persona given recognition in differential mortuary treatment: (1) age, (2) sex, (3) relative rank and distinctiveness of the social position occupied by the deceased within the social unit, and (4) the affiliation of the deceased with respect to membership segments of the broader social unit, or in the case of intersocietal symbolism, the form appropriate to the society itself". Tradução nossa.

¹³ Trecho original em inglês: "These differences were related to sex-differentiated clothing, personalities, and tools which symbolized male-female division of labor. Such distinctions frequently cross-cut additional ones made with regard to other dimensions of the social persona, such as membership group affiliation, social position, etc. The differentiations in mortuary treatment related to social position or status of the deceased exhibited the most variability in form [...]. Very high status persons may be buried in specific locations, after elaborate and unusual preparation of the body, and accompanied with specific material symbols of office and large quantities of contributed goods. Low status persons in the same society may be differentiated by membership group affiliation and sex only, with no specific treatment related to status. In some cases, status may take precedence over sodality affiliation in mortuary symbolism, in direct proportion to the degree that the roles performed by the deceased were specifically related to the activities of the community at large, as opposed to being sub-group specific". Tradução nossa.

configuração da sociedade dos vivos.

Neste sentido, a noção de prestígio social está intimamente ligada – ou poderíamos até afirmar que é sinônimo – aos conceitos e valores de riqueza econômica diretamente refletidos na materialidade das práticas rituais mortuárias. A quantidade numérica e, principalmente, a constituição física em relação à matéria-prima dos artefatos depositados com os mortos pelos vivos tornam-se reproduções materiais dos papéis, das relações sociopolíticas e do status social do indivíduo em vida, fundamentadas, muitas vezes, em definições anacrônicas e equivocadas de riqueza, enquanto formas de diferenciação social.

Tal quadro tem sofrido mudanças significativas a partir das abordagens teórico-metodológicas arqueológicas pós-processuais (por exemplo: Morris, 1987; Parker-Pearson, 1993, 1999) desde a década de 1980 e, mais recentemente, das abordagens integrativas (vide Buikstra & Beck, 2006; Mackinnon, 2007 – com referências bibliográficas) na Arqueologia Funerária. Tais análises fundamentam-se no exame do conjunto da materialidade da morte por meio da associação dos vários elementos que compõem a natureza multifacetada da cultura material presente nos contextos funerários. Trata-se de uma abordagem interdisciplinar, em que os conhecimentos específicos das metodologias aplicadas (expertises) para analisar cada aspecto da cultura material funerária não constituem contribuições isoladas, mas fazem parte de um todo, de um sistema cujos elementos constitutivos não funcionam independentemente. A lógica, a mensagem e os significados dos ritos fúnebres são materializados em cada um dos aspectos dos contextos funerários e em seu conjunto.

O estudo sistemático dos contextos funerários visa identificar e analisar três grandes grupos de práticas rituais acerca da morte, que constituem os processos de formação do registro de natureza funerária:

- 1) Processos de formação “extra-funerários”. São consideradas “extra-funerárias” as práticas rituais não-preservativas, aquelas que não possuem a intencionalidade de preservar os vestígios materiais decorrentes da morte, sobretudo, o corpo do morto, como o abandono e descarte do corpo e a exumação seguida de seu descarte. Em muitos contextos, tais ações não são reconhecidas arqueologicamente, mas podem ser identificadas com auxílio da documentação textual ou, ainda, iconográfica, por exemplo.
- 2) Processos de formação do “ciclo funerário”. Esse conjunto de processos é formado pelos rituais que envolvem a intencionalidade dos vivos em preservar determinados aspectos materiais resultantes dessas práticas, sobretudo, o próprio corpo do morto. São elementos visíveis e identificáveis no registro arqueológico, examinados por meio de variados métodos e técnicas de análise, condicionados às suas características físicas e químicas. Podemos dividir os processos em várias categorias, a fim de sistematizar o exame dos contextos funerários e alcançar suas possíveis funções e significados.

As principais são:¹⁴

a) Tipo de tratamento do corpo: Refere-se às maneiras como o corpo é tratado no momento do sepultamento, por exemplo, inumação (primária, secundária), cremação (primária, secundária), tanatopraxia (mumificação, embalsamento), mutilação, canibalismo, escarnação.

b) Tipo de enterramento ou tipo de deposição funerária: Refere-se à quantidade de indivíduos presentes em cada contexto funerário. Em geral, há duas classificações: enterramentos simples ou individuais, e enterramentos múltiplos ou coletivos, que podem ser simultâneos ou sucessivos. Ainda podem ser incluídos nessa classificação os enterramentos simbólicos, cujos remanescentes humanos estão ausentes e o contexto funerário é formado pelos demais aspectos da cultura material de natureza funerária. Nesta categoria frequentemente são incluídas as informações relativas às características do perfil biológico dos indivíduos: estimativa de sexo, idade, estatura e ancestralidade.

c) Arquitetura funerária: Refere-se à estrutura utilizada para o sepultamento, tanto interna – o invólucro ou sua ausência para a deposição do morto em sua integridade biológica ou dos remanescentes humanos, por exemplo, enterramentos em covas simples, em vasos funerários, em cistas, em câmaras; quando externa – estruturas que delimitam o habitat do morto e marcam a sepultura, como lápides e monumentos funerários.

d) Orientação do(s) enterramento(s) e da sepultura: Refere-se ao direcionamento do corpo, determinado pela orientação do crânio e/ou da coluna vertebral, em relação aos pontos cardeais ou a pontos referenciais da sepultura.

e) Posição e posicionamento do corpo¹⁵: A posição do corpo (também denominada “disposição dos membros”) refere-se à disposição dos remanescentes humanos esqueletizados encontrados no momento da escavação, disposição esta resultante dos processos tafonômicos naturais e culturais. Tal descrição e análise permite, em muitos casos, reconstituir o que denominamos de posicionamento do corpo: a for-

¹⁴ Tal sistematização é fruto de reflexões teóricas e de proposições metodológicas no estudo dos contextos funerários específicos que foram objeto de pesquisas desenvolvidas ao longo do doutorado e do pós-doutorado. Nossa proposta visa classificar os diversos aspectos da cultura material de natureza funerária e elaborar um léxico específico em língua portuguesa adequado às análises dos contextos funerários. Contudo, não constitui objetivo deste artigo explicitar e discutir os tipos, as categorias e as nomenclaturas de cada dimensão da cultura material dos contextos funerários nos diferentes processos de formação extra-funerários, do ciclo funerário e pós-funerários. Tais propostas são objeto de um projeto de publicação futura. Indicamos aqui apenas um breve significado e alguns exemplos referentes a cada uma das categorias classificatórias. Algumas propostas de terminologia e classificações metodológicas descritivas para o estudo dos contextos funerários podem ser encontradas nas obras de Sérgio Francisco S. M. da Silva (sobretudo 2005-2006, 2014).

¹⁵ Alguns autores preferem utilizar o termo “disposição dos membros” para o sentido aqui atribuído à “posição do corpo” e “posição do corpo” para o significado aqui utilizado em relação ao “posicionamento do corpo”. Contudo, optamos por fazer a distinção entre a forma estática da disposição dos remanescentes esqueletizados resultantes dos processos tafonômicos caracterizada pela “posição” e da forma que indica o resultado de uma ação dos vivos enquanto prática ritual caracterizada pelo “posicionamento” do corpo. Para detalhes da discussão entre os termos, ver De Souza (2011).

ma, a maneira como o morto foi depositado na sepultura no momento do enterramento, como prática ritual, ato resultante de uma ação. A posição e o posicionamento do corpo podem ser correspondentes ou não e, em geral, as descrições fundamentam-se na flexão dos membros inferiores. São classificadas como fletida (contraída, ou ainda, flexionada) ou estendida, associada com a disposição da coluna vertebral, como decúbito dorsal (deitado na horizontal de costas), decúbito ventral (deitado na horizontal de bruços), fetal (deitado na horizontal do lado esquerdo ou do lado direito do morto) ou agachada (completamente fletido na vertical).

f) **Mobiliário funerário ou acompanhamentos:** Refere-se aos objetos depositados na sepultura. As análises do mobiliário funerário incluem aspectos quantitativos e qualitativos.

g) **Topografia funerária:** Nos elementos referentes à topografia funerária consideram-se, no geral, dois aspectos principais: 1) a localização da sepultura em relação ao espaço dos vivos, por exemplo, residências, áreas sagradas, oficinas etc. ou referenciais naturais, como rios, montanhas, cavernas etc.; e 2) a orientação da sepultura (determinada pelos pontos cardinais) em relação ao espaço do vivos e de outras sepulturas, quando encerradas em uma necrópole – ou cemitério – ou quando há a presença da formação de lotes de enterramentos específicos (clusters). A descrição da topografia funerária apresenta duas categorias principais: 1) áreas formais (específicas) de deposição dos mortos – delimitação de necrópoles; cemitérios ou lotes de sepulturas (clusters) e 2) áreas aleatórias (dispersas) de deposição dos mortos – enterramentos isolados e ausência de conjuntos de sepultamentos.

h) **Práticas rituais pós-deposição.** As evidências materiais resultantes das exéquias efetuadas pós-deposição do morto podem incluir banquetes fúnebres, sacrifícios, libações e oferendas de objetos e materiais orgânicos (como flores, ramos vegetais, alimentos, etc.) sobre a sepultura ou o monumento funerário. Tais rituais podem ser realizados no momento do sepultamento ou em datas fixas, culturalmente estabelecidas e/ou, ainda, de carácter “pessoal” – familiar, grupo social etc. – sem datas definidas, enquanto ocorrências esporádicas às sepulturas.

3) **Processos de formação “pós-funerários”.** Esse último conjunto de processos de formação do registro arqueológico de natureza funerária não está inserido no contexto cultural – ou sistêmico (Schiffer, 1996). Eles correspondem a todas as ações que perturbam a intencionalidade e a funcionalidade originais dos contextos funerários e ocorrem no contexto arqueológico, sendo condicionados a fatores tafonômicos pós-deposicionais.

O antropólogo e arqueólogo Henry Duda (2009; Duda et al., 1990), com a chamada “Antropologia do terreno” (Anthropologie de terrain) e Arqueotantologia (Archaeothantology),

propõe métodos meticulosos para a reconstrução da “história do defunto” após a morte e sua deposição na estrutura funerária, fundamentados na observação da disposição e das características de partes específicas dos remanescentes osteológicos humanos, como a disposição das articulações, dos espaços entre os membros do corpo e a quantidade de ossos, configurando um elemento crucial na compreensão dos processos tafonômicos de formação do registro osteológico, tanto processos culturais quanto naturais. A identificação de tais características está condicionada a diferentes fatores, principalmente aqueles de ordem ambiental, como o alto grau de decomposição de determinados tipos de matéria orgânica, como madeira utilizada para caixões ou como lápides ou, ainda, dos ossos de subadultos, em particular, recém-nascidos.

A Bioarqueologia (Buikstra & Beck, 2006), por exemplo, tem buscado ir além das análises processuais iniciais de identificação biológica de estimativa de sexo, idade e etnia propostas por Binford (1971). Sob perspectiva biocultural,¹⁶ a Bioarqueologia defende a sinergia entre doença e cultura, para entender como determinados hábitos de vida geram certa patologia, e como esta atua no grupo e no indivíduo. As análises osteológicas buscam identificar as condições patológicas hereditárias ou adquiridas em vida e em episódios de stress físico, por meio de lesões ósseas que fornecem informações sobre a causa mortis, expectativa, condições e modos de vida, decorrentes de costumes e hábitos individuais e, sobretudo, culturais, específicas de um grupo social ou de uma comunidade em geral, como dieta e saúde e, também, de atividades físicas e de trabalho.

Arquitetura e topografia funerária, Bioarqueologia, Tafonomia, Zooarqueologia, Ceramologia, Arqueologia Ambiental, Geoarqueologia, Etnoarqueologia, Arqueologia Experimental, Paleopatologia e Paleonutrição, Antropologia e Arqueologia Forense, por exemplo, explicitam e reforçam a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para reconstrução do conjunto de práticas, comportamentos, representações e visões de morte de determinada sociedade, que são engendrados e criados pelos vivos, pelo agenciamento do espaço dos mortos por intermédio da cultura material.

Neste sentido, tais abordagens arqueológicas de estudo dos contextos funerários abrem caminhos para entender o mobiliário funerário enquanto formas de representação enquanto expressões materiais dos anseios sociais, econômicos e políticos de determinados grupos da sociedade, sendo essas mesmas expressões materiais caracterizadas, muitas vezes, por aspectos ideológicos. “Elas podem ser entendidas como estratégias utilizadas intencionalmente para indicar, criar, reconhecer, legitimar e reafirmar o status e o prestígio social ou a posição política de um indivíduo e/ou de um grupo dentro da sociedade” (De Souza, 2015a, p. 9).

Assim, a estrutura social é uma construção idealizada, manipulada e, por vezes, distorcida pelos membros da sociedade responsáveis pela execução dos ritos funerários, isto é, pelos vivos. Dessa maneira, as expressões materiais das práticas mortuárias não devem ser entendidas como simples espelho, mero reflexo das relações sociais da vida real, do cotidiano

¹⁶ O conceito de *perspectiva biocultural* fundamenta-se na associação do conjunto de características físicas, biológicas humanas com o contexto cultural, o que significa que a Biologia humana depende da adaptação ao meio ambiente, mas também dos costumes, hábitos e modos de vida em sociedade (cultura), em grupo, e, ainda, individuais, pessoais.

da sociedade (Morris, 1987; De Souza, 2011; 2015a, 2015c, 2017).

Nesta perspectiva de análise, o prestígio social e a riqueza material não são conceitos necessariamente congruentes e, acima de tudo, são marcados pelas idiosincrasias e constituem noções e valores cultural, social e historicamente construídos. A relação entre a materialidade do prestígio social e do valor simbólico de riqueza econômica não se dá *stricto sensu*, mas é construída e representada por meio dos usos específicos atribuídos à cultura material de natureza funerária: o *sêma* (σῆμα, τό), que “significa marca, sinal ou túmulo, monumento e constitui o habitat do morto, o espaço físico ocupado pela pessoa após a morte e no mundo dos vivos” (De Souza, 2015a, p. 7), e o *mnêma* (μνῆμα, τό), entendido como “formas simbólicas de representação e por funções ideológicas que visam perpetuar a memória do morto e lhe atribuir novos papéis sociais” (De Souza, 2015a, p. 8). Os objetos depositados com o morto (o mobiliário funerário) integram, assim, o conjunto de representação material e construção simbólica do prestígio e da memória social de determinado indivíduo em determinado grupo.

Prestígio da memória ou memória de prestígio? Entendendo os significados do mobiliário funerário em Argos do Período Geométrico.

Um exemplo deste viés de análise integrativa na Arqueologia Funerária que possibilita (re)considerações sobre o papel e significado dos acompanhamentos (mobiliário funerário) na construção do prestígio e da memória social de um grupo pode ser evidenciado pelo estudo de sepultamentos datados entre os séculos IX e VIII a.C., período denominado de Geométrico na Proto-História da Grécia Antiga, no sítio de Argos, na região da Argólida, Peloponeso (De Souza, 2011, 2015a, 2015c, 2017).¹⁷

As escavações sistemáticas no sítio de Argos foram iniciadas nos anos 1902 e 1903, pelo pesquisador Wilhelm Vollgraff (Mulliez & Banaka-Dimaki, 2013). Desde então, mais de 500 sepulturas datadas do Período Geométrico (um período de aproximadamente duzentos anos, entre 900 e 700 a.C.) foram reveladas por escavações conduzidas pela Escola francesa de Atenas (EfA) e pelo Serviço Arqueológico Grego, revelando vários lotes de concentrações de sepulturas por toda a área da cidade atual de Argos (Courgin, 1974; Hägg, 1974; De Souza, 2011). Uma grande quantidade dessas sepulturas era composta por enterramentos múltiplos

¹⁷ O estudo de caso apresentado neste artigo é proveniente de pesquisas conduzidas por C. D. de Souza durante o doutorado (2005 a 2010) e, sobretudo, o pós-doutorado (2011-2016). A tese foi publicada no suplemento da Revista do MAE-USP em 2011 com o título “As Práticas Mortuárias na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.”. Na pesquisa de doutoramento foram examinados e comparados aproximadamente 800 contextos funerários da região da Argólida como um todo, datados da Idade do Ferro na Grécia continental (aproximadamente entre 1100 a 700 a.C.). O estudo das sepulturas visou o entendimento das práticas mortuárias, suas modificações e especificidades, executadas nos principais sítios da região e durante as principais fases desse período. O Período Geométrico em Argos compreende o intervalo entre 900 e 700 a.C. e pode ser subdividido em três fases (Geométrico Antigo, Geométrico Médio e Geométrico Recente), de acordo com o desenvolvimento dos motivos figurados e não-figurados de decoração da produção cerâmica argiva. Para os detalhes do debate historiográfico sobre os recortes cronológicos e as datas absolutas aproximadas de cada fase do Período Geométrico na Grécia continental como um todo e na região da Argólida, vide De Souza (2011, p. 27-32, Fig. 1, p. 24 e Fig. 2, p. 25). Para visualizar o mapa da região da Argólida no Peloponeso, Grécia: De Souza (2011, p. 234-235, Mapa 1 e Mapa 2) e os mapas com a distribuição dos enterramentos com as áreas de concentração em cada fase do Período Geométrico em Argos vide: De Souza (2001, p. 238-241, Mapas 5 a 8). Apresentamos neste artigo apenas a planta das sepulturas apresentadas como estudo de caso (T. 263, T. 265, T. 266 e T. 278), da Sondagem 80, localizada no Terreno Papaparaskevas.

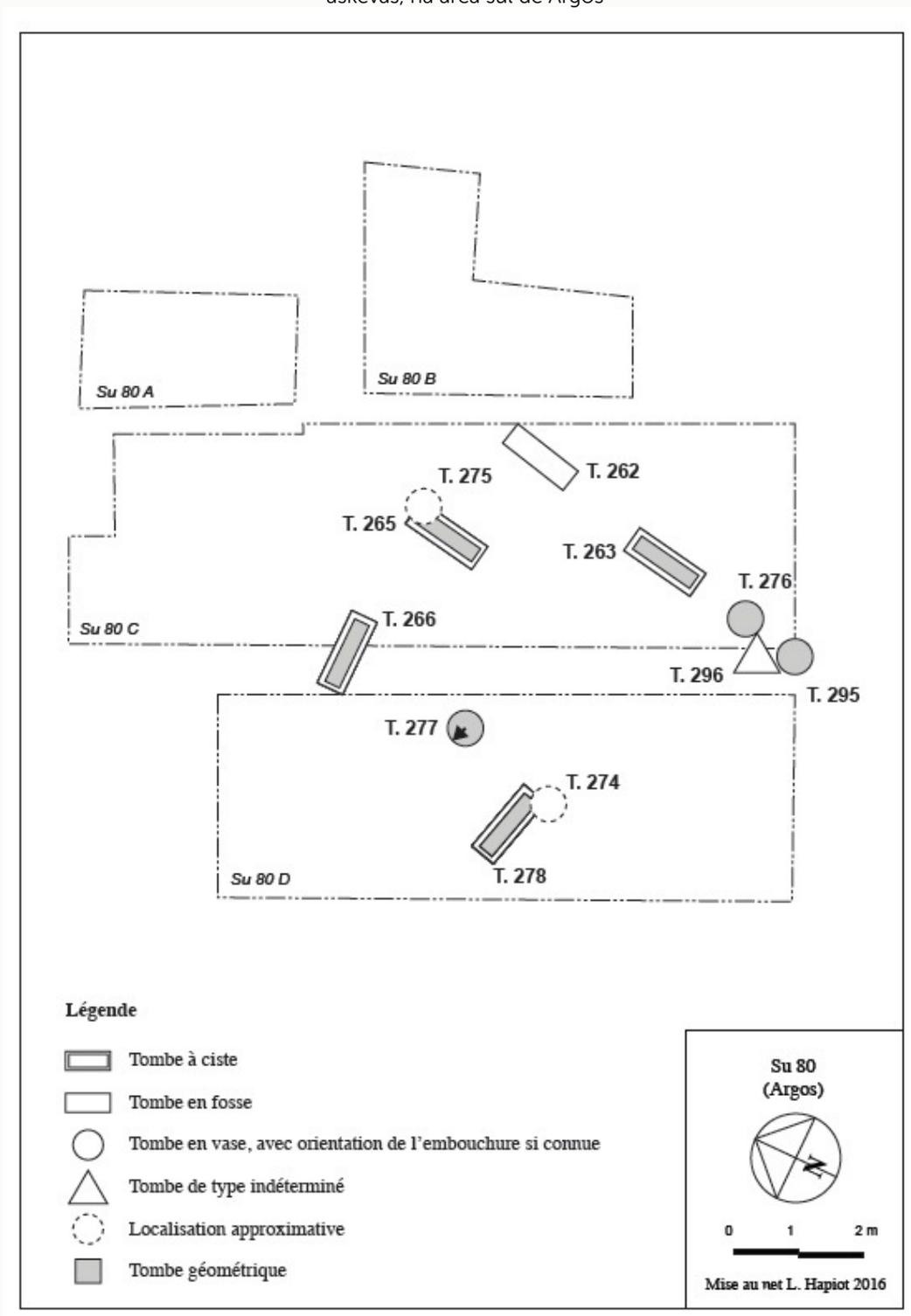
sucessivos, contendo até sete indivíduos.

Em 1957, a descoberta de um túmulo (o T. 45 – o túmulo da panópia) pelo arqueólogo francês Paul Courbin (1957), contendo a inumação de um indivíduo do sexo masculino entre 45 e 55 anos de idade, cujo mobiliário funerário é caracterizado por uma armadura em bronze (elmo com crista, típico do hoplita grego – o guerreiro-cidadão – o defensor da pólis, da cidade-estado grega e o peitoral) e armas em bronze e ferro, pontas de lança, adaga e espada, conduziu à adoção de um modelo de sociedade caracterizada por uma aristocracia militar, responsável pelo processo de formação política da pólis argiva (Hägg, 1980, 1983, 1998; Pappi, 2006; Pappi & Triantaphyllou, 2011 – para uma posição contrária: De Souza, 2015a, 2015c, 2017).

Contudo, apresentaremos o estudo sistemático de um conjunto de quatro sepulturas escavadas pela EfA na Sondagem 80 no Terreno Papaparaskevas, localizado na área sul da cidade moderna (T. 263, T. 265, T. 266 e T. 278) (ver FIGURA 1), que possibilitam o questionamento de tal modelo interpretativo, e reconfiguram o papel da morte e da materialidade das práticas funerárias, em relação à construção do prestígio e da memória social de determinado grupo na sociedade argiva, sobretudo no século VIII a.C. (De Souza, 2015a, 2015c, 2017).¹⁸

¹⁸ O estudo inédito deste conjunto de sepultura e dos demais contextos funerários escavados pela EfA (École française d'Athènes) após a publicação de Paul Courbin, *Tombes Géométriques D'Argos I – TGA I* (1974), constituiu o objeto de pesquisa de pós-doutorado conduzida por C. D. de Souza entre 2011 e 2016, com financiamento do CNPq e da FAPESP. O resultado desta pesquisa consiste na publicação do volume "Tombes Géométriques d'Argos II" – TGA II – da série *Études Péloponnésiennes* do *Bulletin de Correspondance Hellénique (BCH)*. Tal estudo é constituído pela catalogação, análise e interpretação dos contextos funerários datados do Geométrico escavados pela EfA entre 1958 e 1973. Um total de 32 sepulturas (contendo mais de 50 indivíduos, 597 peças em cerâmica selecionadas para a publicação, incluindo vasos inteiros e fragmentos e 58 objetos metálicos) foi sistematicamente examinado e corresponde a dois volumes submetidos à EfA para publicação em março de 2016, aceito em dezembro de 2016, e em fase de ajustes e correções. Trata-se de um estudo interdisciplinar que conta com a contribuição, a análise conjunta e o diálogo com pesquisadores especialistas nas diferentes áreas que contemplam o caráter multifacetado do registro arqueológico de natureza funerária, isto é, ceramólogos, bioarqueólogos, antropólogos físicos e biólogos, zooarqueólogos, especialistas no estudo de objetos em metal, topógrafos e geoarqueólogos, além de desenhistas.

FIGURA 1 – Planta das sepulturas T. 263, T. 265, T. 266 e T. 278 na Sondagem 80, localizada no Terreno Papaparaskevas, na área sul de Argos



FONTE: L. Hapiot. De Souza, "Tombes Géométriques d'Argos II". Efa.

Conforme resumido em publicações anteriores (De Souza, 2015a, 2015c, 2017), as quatro sepulturas continham um total de 25 indivíduos adultos de ambos os sexos, masculino e feminino. Todos os enterramentos constituem inumações em posição contraída ou fletida. A

arquitetura funerária é composta por grandes cistas revestidas e cobertas por grandes placas de pedra de calcário¹⁹. Os sepultamentos mais antigos datam do início do século IX a.C. e, sobretudo, durante a segunda metade do século VIII a.C., os túmulos foram reutilizados várias vezes (Hägg, 1974, 1982; De Souza, 2011).

A análise mais detalhada do mobiliário funerário presente nessas sepulturas revela que não há distinções sociais de gênero por categorias de objetos. Homens e mulheres são enterrados com os mesmos tipos de artefatos em metal e com os mesmos tipos de vasos cerâmicos, isto é, as mesmas formas de vasos decorados com um rico repertório iconográfico próprio da produção cerâmica argiva, como o condutor entre a dupla de cavalos, ou guiando apenas um cavalo (ver FIGURAS 2, 3 e 4) e a série de figuras femininas de mãos dadas segurando um ramo de trigo (De Souza, 2011, 2015b, 2017).

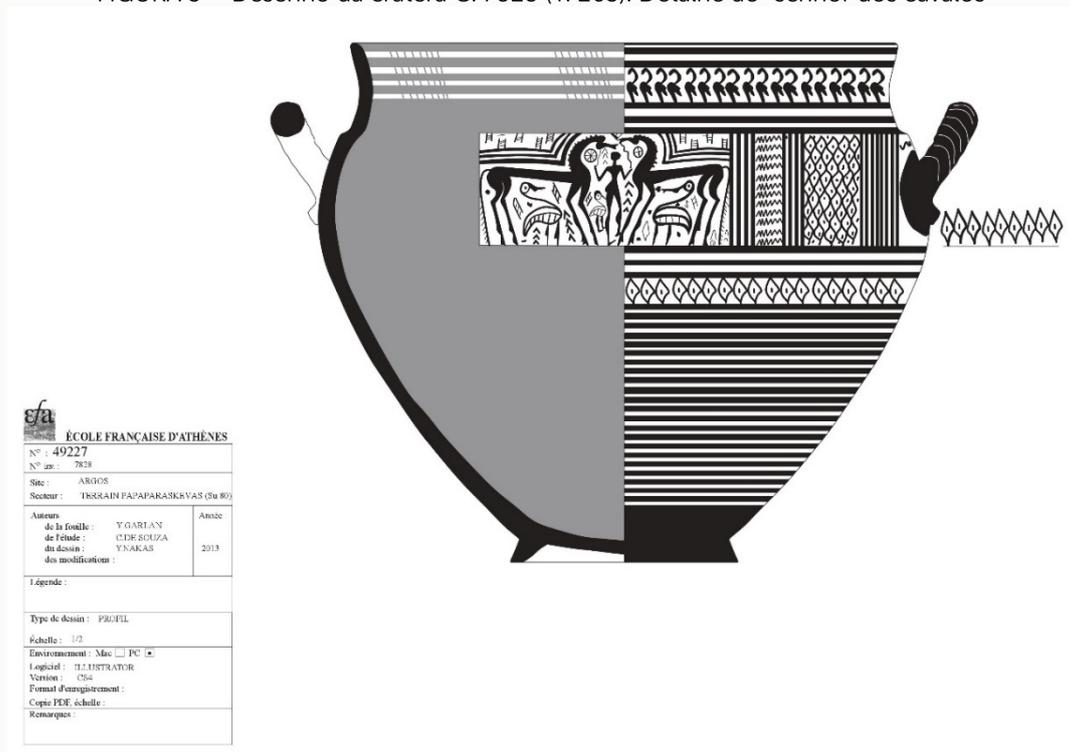
FIGURA 2 – Cratera C. 7828 (T. 263). Representação iconográfica do “senhor dos cavalos”, figura humana masculina entre dois cavalos



FONTE: Foto Y. Garlan. De Souza, “Tombes Géométriques d’Argos II”. EfA.

¹⁹ A cista corresponde a uma sepultura, em geral, retangular revestida por placas de pedra de calcário nas paredes e na placa de cobertura e, no fundo, com seixos. Para visualizar os tipos distintos de cistas em Argos durante o Período Geométrico, vide: De Souza (2011, p. 32-35).

FIGURA 3 – Desenho da cratera C. 7828 (T. 263). Detalhe do “senhor dos cavalos”



FONTE: Desenho Y. Nakas. De Souza, “Tombes Géométriques d’Argos II”. EfA.

FIGURA 4 – Cratera C. 7843 (T. 278). Representação iconográfica do “senhor dos cavalos”, figura humana masculina guiando um cavalo



FONTE: Foto E. Sérakis. De Souza, “Tombes Géométriques d’Argos II”. EfA.

A quantidade de vasos inteiros depositados com os indivíduos é imensa, totalizando quase 200 peças de grande e médio porte de formas abertas e fechadas, como crateras, esquifos, ânforas e enócoas, ricamente decoradas com os motivos não-figurados e figurados do repertório da produção cerâmica argiva geométrica.²⁰ Além dos vasos inteiros enquanto mobiliário funerário, uma grande quantidade de fragmentos foi encontrada na camada estratigráfica imediatamente acima das sepulturas, sobre as placas de cobertura das cistas, indicando que uma quantidade significativa de material cerâmico teria sido ofertada aos mortos como parte das atividades pertencentes aos processos de formação do ciclo funerário, que configuram práticas rituais pós-deposição, por exemplo, como objetos utilizados durante um banquete fúnebre após a deposição do morto ou, ainda, como artefatos ofertados durante as visitas posteriores aos túmulos. É plausível sugerir que tais fragmentos, reconstituindo vasos de dimensões humanas, podem ter servido como marcadores dos túmulos, constituindo, dessa forma, tanto um sêma quanto um mnêma, simultaneamente, o sinal físico indicativo do habitat, da localização da sepultura, e símbolo de prestígio e de memória social dos indivíduos enterrados no túmulo pertencentes a determinado grupo social e/ou familiar.

Ainda como parte da composição do mobiliário funerário, os objetos em metal, que contabilizam um total de 58, são formados por grande quantidade de alfinetes e anéis em bronze e em ferro, apenas um pingente e um espiral em ouro e uma única ponta de lança e uma adaga em ferro (ver FIGURAS 5 e 6). Não há espadas ou vestígios de qualquer uma das peças que compõem uma armadura.

FIGURA 5 – Espiral e pingente em ouro (T. 266 e T. 263, respectivamente)



FONTE: Foto Ph. Collet. De Souza, "Tombes Géométriques d'Argos II". EfA.

²⁰ A publicação sistemática do estudo deste material cerâmico inédito compreende dois capítulos do manuscrito "Tombes Géométriques d'Argos II" e um catálogo de 597 peças selecionadas entre milhares de vasos inteiros, reconstituídos, restaurados e fragmentos que inclui fotos e desenhos das formas e dos motivos do repertório iconográfico argivo do Período Geométrico. Devido às características peculiares desse abundante material, foi possível refinar as datas absolutas das subfases dos subperíodos do Geométrico Argivo e ainda identificar uma grande quantidade de oficinas argivas especificamente dedicadas à produção dessa cerâmica funerária. A produção cerâmica em Argos durante o século VIII a.C. torna-se especializada na confecção de vasos em grande quantidade voltada para a função fúnebre (tanto enquanto parte do mobiliário funerário quanto parte da arquitetura funerária, o invólucro do defunto, o "caixão") e adequa-se, portanto, aos anseios, interesses e objetivos de determinados grupos sociais de acordo com as mudanças políticas que culminam com a formação e consolidação da pólis argiva (De Souza, 2011).

FIGURA 6 – Alfinetes em bronze B. 155 (T. 266), B. 156 e B. 157 (T. 263)



FONTE: Foto Ph. Collet. De Souza, "Tombes Géométriques d'Argos II". EfA.

Dessa forma, a configuração do mobiliário funerário dessas sepulturas evidencia a enorme quantidade de vasos cerâmicos e o número ínfimo de artefatos em metal, principalmente aqueles considerados como armamentos. Interpretar tais enterramentos como expressões materiais da aristocracia militar argiva é, portanto, questionável e, até, insustentável (De Souza, 2015a, 2017).

Cenas de luta, de competições e/ou jogos fúnebres, batalhas em barcos etc. são extremamente raras na cerâmica geométrica argiva (Courbin, 1966, 1992; Kristalli-Votsi, 1980; Morgan & Whitelaw, 1991; Pappi, 2006; Langdon, 2008). O cavalo, o pássaro e o peixe correspondem aos elementos pictóricos animais centrais e típicos do repertório argivo. A figura humana masculina aparece, quase na totalidade das cenas, conduzindo os cavalos com as duas ou com uma das mãos pelo arreio, porém sempre com os dois braços erguidos – o "senhor dos cavalos" (Courbin, 1966, 1992). As figuras humanas femininas são representadas em fileiras, de mãos dadas e com ramo de trigo. Dessa forma, não há qualquer elemento material da cultura visual de natureza funerária que indique a manifestação de uma sociedade aristocrática guerreira.

Além disso, as análises osteológicas indicam que tais indivíduos (homens e mulheres) possuíam entre 45 e 55 anos de idade e gozavam de boas condições de saúde, pois não há indícios de patologias e lesões ósseas graves, sejam de ordem genética, sejam causadas por hábitos higiênicos, como parasitas ou, ainda, por comportamentos sociais e culturais como resultados de trabalho e esforço físico, por exemplo (Pappi, 2006; Pappi & Triantaphyllou, 2011; Hapiot, 2015). A análise dentária indica o mesmo tipo de dieta para ambos os sexos, rica em carboidratos e proteínas, resultado de uma alimentação variada e abundante em carne e açúcares (Hapiot, 2015; De Souza, 2015a, 2017).

Contudo, um indicador de stress físico presente em vários indivíduos masculinos revela uma prática cultural que, associada à análise do mobiliário funerário, possibilita alcançar algumas formas de diferenciação social, como expressões e representações de prestígio. Trata-se da denominada "síndrome do cavaleiro", lesão óssea marcada por um leve arqueamento do

fêmur, resultante da prática constante da montaria de cavalo, desde idade precoce (Hapiot, 2015; De Souza, 2017).

A análise iconográfica do material cerâmico funerário, associada à análise osteológica dos enterramentos sugere que a elite argiva teria tido, como papel social principal, a criação e a doma de cavalos, atividades propícias às próprias características geográficas da região, já que a Argólida é uma extensa planície, de quase 200km². Considerando o todo da materialidade multifacetada dos contextos funerários a partir da análise integrativa, verificamos que os vasos cerâmicos não são meros vetores iconográficos. Portanto, a composição das cenas representa aspectos dos valores simbólicos de prestígio culturalmente construídos e atribuídos aos indivíduos, durante a performance dos rituais mortuários (Snodgrass, 1998; Shanks, 1999; Roberts, 2002; Langdon, 2008).

Neste caso, a cultura visual adquire um papel fundamental na representação e construção do prestígio e da memória social. Notamos que determinado grupo social escolhe se autorrepresentar por meio do mobiliário funerário (sobretudo, dos vasos cerâmicos e da cultura visual), enquanto uma elite não necessariamente militarizada, cujo prestígio é exteriorizado e reconhecido coletivamente no momento da morte.

O prestígio, neste caso, não está intrinsecamente relacionado aos valores de riqueza, pois é o valor atribuído aos usos dos objetos no contexto funerário (e não o objeto em si, sua composição física) e os elementos que compõem seu ciclo de vida, a intencionalidade e a funcionalidade do mobiliário funerário que caracterizam seu prestígio social (De Souza, 2015a, 2017). Este exemplo permite refletir sobre os papéis e significados da morte, como vetor de prestígio e construção da memória social, mediante a expressão material dos resultados das práticas rituais executadas pelos vivos.

O conjunto de objetos depositados com os mortos, que viabiliza o reconhecimento das semelhanças para autenticidade das diferenças de um indivíduo, e este inserido em um grupo (seja este grupo fundamentado em questões culturais de gênero, idade, etnia, filiações das mais variadas naturezas, como religiosas etc.). O mobiliário funerário torna-se, portanto, um elemento identitário – de pertença, filiação – e, como tal, restrito à determinada parcela da sociedade, apenas para aqueles que integram certo grupo, ou que são reconhecidos como pertencentes a ele pelos vivos, durante a performance dos rituais funerários. Morrer e receber as exéquias fúnebres constitui uma forma de reconhecimento social (Duplouy, 2006; De Souza, 2015a), definindo, construindo e materializando valores identitários e, também, mnemônicos. O espaço físico dos mortos e os contextos funerários tornam-se, dessa forma, um dos locais de memória (Nora, 1989 – lieux de mémoire; Radley, 1992).

O título adaptado em português do longa-metragem que inicia este artigo, “A morte lhe cai bem”, adquire, no contexto arqueológico apresentado como estudo de caso, um significado exemplar. A morte “cai bem” apenas para os membros pertencentes a determinado grupo da sociedade argiva do final do Período Geométrico, cuja memória e identidade são reconhecidas pelo prestígio social atribuído à materialidade do espaço dos mortos – a sepultura e seus elementos constitutivos, sobretudo, do mobiliário funerário – durante a performance dos rituais funerários executados pelos vivos.

Considerações finais

A história do grande herói mitológico Perseu, neto do rei de Argos, Acrísio, e filho de Dânae e Zeus,²¹ é adaptada no longa-metragem britânico-americano, dirigido por Desmond Davis, de 1981, intitulado “Clash of the Titans” – traduzido para o português como “Fúria de Titãs”.²² Temente ao cumprimento da profecia segundo a qual seria destronado e morto pelo semideus, Acrísio lança a própria filha e neto ao mar em um caixão. Ambos são levados para uma das ilhas das Cíclades, Sérifos. Perseu é criado por um pescador, Díctys, irmão do rei de Sérifos, Polidecto.²³ O herói adquire, como qualidade epítética, a arte de domar cavalos, sendo apresentado em uma das versões do mito, com o cavalo Pegasus, para executar a tarefa de decapitar a Górgona (Oakley, 1982). Apesar de todas as tentativas empreendidas por Acrísio para evitar a profecia, durante os jogos funerários realizados em homenagem a Polidecto, o mesmo é acidental e fatalmente atingido na cabeça por um disco lançado por Perseu, durante a prova de discos.²⁴ Em seguida, Perseu finalmente retorna para Argos e toma o trono argivo por direito.

O mito do herói argivo por excelência reforça e auxilia o processo de construção da memória e da identidade de uma elite fundamentada na arte de domar cavalos, como atividade de prestígio social (Sourvinou-Inwood, 1991; Gould, 2001; Parker, 2011; Kindt, 2012). Os contextos funerários tornam-se uma das formas diversificadas de materialização das representações mentais dos fenômenos tanatológicos. Essa materialização em Argos adquire uma natureza multifacetada, por meio do registro arqueológico que compõe os contextos funerários: o tipo de enterramento, a arquitetura funerária, o processo de reutilização das sepulturas, a disposição topográfica dos lotes de sepulturas (clusters), as características bioantropológicas dos indivíduos enterrados e, finalmente, os objetos depositados com o morto (De Souza 2011). A mensagem é transmitida pelo contexto, em suas diferentes partes e como um todo.

O registro mnemônico da imortalidade argiva é representado pelo mobiliário funerário enquanto uma forma de expressão material do prestígio social do grupo. Conforme afirma Lowenthal, “memórias não são reflexos prontos do passado, mas sim reconstruções ecléticas e seletivas” (Lowenthal, 1985, p. 210),²⁵ Alcançar a imortalidade no caso argivo significava registrar materialmente, por meio de rituais que envolvem a morte em uma memória de prestígio.

²¹ HOMERO, *Iliada*, XIV, 310. A edição utilizada aqui é: HOMERO, *Iliada*. Tradução Frederico Lourenço. São Paulo: Cia. das Letras, 2013; HESÍODO, *Scut. Herc.*, 229. A edição aqui utilizada é: HESIOD. *The Homeric Hymns and Homerica*. Tradução de Hugh G. Evelyn-White. *Shield of Heracles*. Cambridge, MA.: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd. 1914.

²² Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0082186/>>. Acesso em: 16/07/2018.

²³ Pseudo-Apolodoro, *Biblioteca*, 2.4.1. A edição utilizada aqui é: APOLLODORUS. *The Library*. Tradução de Sir James George Frazer. Loeb Classical Library Volumes 121 & 122. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1921.

²⁴ *Hyginus Fabulae* 63. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0104:entry=perseus-bio-1>>. Acesso em: 21/07/2018.

²⁵ Trecho original em inglês: “Memories are not ready-made reflections of the past, but eclectic, selective reconstructions”. Tradução nossa.

Referências Bibliográficas

BINFORD, Lewis R. "Mortuary Practices: their study and their potential". In: *Memoirs of the Society for the American Archaeology*. No. 25, Brown, J. Approaches to the social dimension of mortuary practices. *American Antiquity* (36), p. 6-29, 1971.

BUIKSTRA, Jane E. & BECK, Lane A. (Eds.). *Bioarchaeology: The Contextual Study of Human Remains*. Burlington: Academic Press, 2006. 628p.

CHILDE, Vere Gordon. *The Danube in Prehistory*. Oxford: The Clarendon Press, 1929. 479p.

CHILDE, Vere Gordon. Directional Changes in Funerary Practices during 50,000 Years. *Man*. London, v. 45, p. 13-19, jan./feb. 1945.

COURBIN, Paul. Une Tombe Géométrique d'Argos. *Bulletin de Correspondance Hellénique*. Athènes, v. 81, p. 322-386, 1957.

COURBIN, Paul. *La céramique géométrique d'Argos*. Paris: De Boccard, 1966. 596p. 152 pranchas.

COURBIN, Paul. *Les Tombes Géométriques d'Argos, I (1952-1958)*. Études Péloponnésiennes VII. École Française d'Athènes, Paris: Librairie J. Vrin, 1974. 155p. 55 pranchas.

COURBIN, Paul. La Signification du Géométrique Argien. In: PIÉRART, Marcel (Ed.). Polydipsion Argos: Argos de la fin des palais mycéniens à la constitution de l'État classique. Friburg (Suisse), 7-9 mai 1987. Études rassemblées par Marcel Piérart. *Supplément au Bulletin de Correspondance Hellénique*. Athènes, v. 22, p. 55-68, 1992.

CROSSLAND, Zoë. Materiality and embodiment. In: HICKS, Dan & BEAUDRY, Mary (Eds.) *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*. Oxford: Oxford University Press, p. 386-405, 2010.

DUDAY, Henri. *The Archaeology of the Dead: Lectures in Archaeoethanatology*. Translated by Anna Maria Cipriani and John Pearce. Oakville: Oxford Oxbow Books, 2009. 230p.

DUDAY, Henri et al. L'Anthropologie «de terrain»: reconnaissance et interprétation des gestes funéraires. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*. Paris, v. 2, n. 3, p. 29-49, 1990.

DUPLOUY, Alain. *Le prestige des élites: recherches sur les modes de reconnaissance sociale en Grèce entre les Xe et Ve siècles avant J.-C.* Paris: Les Belles Lettres, 2006. 414p.

GOULD, John. *Myth, ritual, memory, and exchange: essays in Greek literature and culture*. Oxford: Oxford University Press, 2001. 440p.

HÄGG, Robin. Die Gräber der Argolis in sumykenischer, protogeometrischer und geometrischer Zeit. 1: Lage und Form der Gräber. *BOREAS*. Uppsala, v. 7, p. 1, 1974.

HÄGG, Robin. Some aspects of the burial customs of the Argolid in the Dark Age. *Athens Annals of Archaeology*. Athens, n. 13, p. 119-26, 1980.

HÄGG, Robin. Zur Stadtwerdung des dorischen Argos. In: PAPPENFUSS, Dietrich & STROCKA,

Volker Michael Strocka (Eds.). *Palast und Hütte: Beiträge zum Bauen und Wohnen im Altertum von Archäologen, Vor- und Frühgeschichtlern*. Tagungsbeiträge eines Symposiums der Alexander von Humboldt-Stiftung Bonn – Bad Godesberg veranstaltet vom 25-30 November 1979 in Berlin. Berlin: Zaberndruck, Mainz am Rhein, p. 297-307, 1982.

HÄGG, Robin. Burial Customs and Social Differentiation in 8th-Century Argos. In: HÄGG, Robin & MARINATOS, Nanno. *The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tradition and Innovation*. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981. Stockholm: Svenska instituet, p. 27-31, 1983.

HÄGG, Robin. Argos and Its Neighbours: Regional Variations in the Burial Practices in the Protogeometric and Geometric Periods. In: PARIENTE, Anne & TOUCHAIS, Gilles (Eds). *Argos et l'Argolide: Topographie et urbanisme*. Actes de la Table ronde organisée par l'École française d'Athènes et la 4e Éphorie des antiquités préhistoriques et classiques, Athènes-Argos, 28 avril-1er mai 1990, Paris. Athènes : Ecole française d'Athènes, p. 131-135, 1998.

HAPIOT, Laurence. *Alimentation, hygiène et environnement sanitaire dans le monde égéen ancien*. Thèse (Doctorat), Département d'Archéologie, Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne, Paris, 2015. 262p.

JOYCE, Rosemary. Archaeology of the body. *Annual Review of Anthropology*. Palo Alto, v. 34, p. 139-158, 2005.

KINDT, Julia. *Rethinking Greek Religion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. 250p.

KNAPPETT, Carl. *An Archaeology of Interaction: Network perspectives on material culture and society*. Oxford: Oxford University Press, 2011. 262p.

KNÜSEL, Christopher J. Crouching in fear: Terms of engagement for funerary remains. *Journal of Social Archaeology*. Online, v. 14, n. 1, p. 26-58, 2014.

KRYSTALLI-VOTSI, Kalliope. Cratère Géométrique d'Argos. *Supplément du Bulletin de correspondance hellénique*. Paris, n. 6, p. 85-92, 1980.

LANGDON, Susan. Beyond the Grave: Biographies from Early Greece. *American Journal of Archaeology*. Boston, v. 105, n. 4, p. 579-606, 2001.

LANGDON, Susan. *Art and Identity in Dark Age Greece, 1100-700 B.C.E*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 408p.

LESURE, Richard G. Linking theory and evidence in an archaeology of human agency: Iconography, style, and theories of embodiment. *Journal of Archaeological Method and Theory*. Online, v. 12, n. 3, p. 237-255, 2005.

LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 489p.

MACKINNON, Michael. State of the Discipline: Osteological Research in Classical Archaeology. *American Journal of Archaeology*. Boston, v. 111, n. 3, p. 473-504, 2007.

MORGAN, Catherine & WHITELAW, Todd. Pots and Politics: ceramic evidence for the rise of the Argive state. *American Journal of Archaeology*. Boston, v. 95, n. 1, p. 79-108, 1991.

MORRIS, Ian. *Burial and Ancient Society: The rise of the Greek city-state*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 262p.

MULLIEZ, Dominique & BANAKA-DIMAKI, Anna (Eds). *Sur le pas de Wilhelm Vollgraff: Cent ans d'activités archéologiques à Argos*. Actes du Colloque International organisé par la IVE EPKA et l'École française d'Athènes, 25-28 septembre 2003. Recherches Franco-helléniques IV. Athènes: EfA; Paris: De Boccard, 2013. 446p.

NAGY, Gregory, *Greek Mythology and Poetics* (Cornell University Press, 1990. 363p.

NORA, Pierre. Between Memory and History: les lieux de mémoire. *Representations*. Berkeley, CA, Special issue n. 26, p. 7-24, 1989.

OAKLEY, John H. Danae and Perseus on Seriphos. *American Journal of Archaeology*. Boston, v. 86, n. 1, p. 111-115, 1982.

PAPPI, Evangelia. Argive Geometric Figured Style. The rule and the exception. In: RYSTEDT, Eva & WELLS, Berit (Eds.) *Pictorial Pursuits: Figurative Painting on Mycenaean & Geometric Pottery*. Papers from Two seminars at the Swedish Institute at Athens in 1999 & 2001. Acta. Inst. Athen. Sueciae, Series in 4^o.^{LIII}. Stockholm: Distributor Paul Åströms Förlag, p. 229-237, 2006.

PAPPI, Evangelia & TRIANTAPHILLOU, Sevi. Mortuary Practices and the Human Remains: a preliminary study of the geometric graves in Argos, Argolid. In: MAZARAKIS-AINIAN, Alexandros (Ed.) *The "Dark Ages" Revisited: Acts of an International Conference in Memory of William D. E. Coulson, Volos 14-17 June, 2007*. Volume II. Volos: University of Thessaly Press, p. 673-688, 2011.

PARKER, Robert. *On Greek Religion*. Ithaca, London: Cornell University Press, 2011. 328p.

PARKER-PEARSON, Mike. The Powerful Death: Archaeological Relationships between the Living and the Death. *Cambridge Archaeological Journal*. Cambridge, v. 3, n. 2, p. 203-229, 1993.

PARKER-PEARSON, Mike. *The Archaeology of Death and Burial*. Stroud: Allan Sttun, 1999. 250p.

RADLEY, Alan. Artefactos, memória e sentido del pasado. In: MIDDLETON, David & EDWARD, Derek (Orgs.). *Memória compartida: la naturaleza social del recuerdo y del olvido*. Buenos Aires: Paidós, p. 63-76, 1992.

RIBEIRO, Marily Simões. *Arqueologia das Práticas Mortuárias: uma abordagem historiográfica*. São Paulo: Alameda, 2007. 194p.

ROBERTS, Helle Salskov. Pots for the living, pots for the dead: Were pots purpose-made for the funeral or reused? Can inscriptions throw light on the problem? In: RATHJE, Annette; NIELSEN, Marjatta & RASMUSSEN, Bodil Bundgaard (Eds.). *Pots for the living, pots for the dead*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, p. 9-32, 2002.

ROWLANDS, Michael. The role of memory in the transmission of culture. *World Archaeology*. Abingdon, v. 25, n. 2, p. 141-171, 1993.

SAXE, Arthur. *Social Dimensions of Mortuary Practices*. Michigan University: Ann Arbor Microfilm, 1970. 240p.



SCHIFFER, Michael B. *Formation Processes of the Archaeological Record*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1996. 448p.

SHANKS, Michael. Art and an Archaeology of Embodiment: some aspects of Archaic Greece. *Cambridge Archaeological Journal*. Cambridge, v. 5, n. 2, p. 207-244, 1995.

SHANKS, Michael. *Art and the Greek city state: an interpretive archaeology*. New Studies in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 237p.

SILVA, Sergio Francisco Serafim Monteiro da. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, 15-16, p. 113-138, 2005-2006.

SILVA, Sergio Francisco Serafim Monteiro da. *Arqueologia Funerária: corpo, cultura e sociedade*. Ensaios sobre a interdisciplinaridade no estudo das práticas mortuárias. Recife: Editora da UFPE, 2014. 133p.

SNODGRASS, Anthony. *Homer and the Artists: Text and Picture in Early Greek Art*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 200p.

SOFAER, Joanna R. *The body as material culture: a theoretical osteoarchaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 208p.

SOURVINOU-INWOOD, Christiane. *"Reading" Greek culture: texts and images, rituals and myths*. Oxford: Clarendon Press; New York: Oxford University Press, 1991. 315p.

DE SOUZA, Camila Diogo. *As Práticas Mortuárias na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.* São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia; Imprensa Oficial, 2011. 320p.

DE SOUZA, Camila Diogo. Aportes arqueológicos na produção do conhecimento histórico. *Cadernos do LEPAARQ*. Pelotas, v. 12, n. 24, p. 1-19, 2015a.

DE SOUZA, Camila Diogo. A Arte Geométrica grega: considerações sobre a análise dos motivos figurados do repertório iconográfico geométrico argivo (c. 900 a 700 a.C.). *Calíope: Presença Clássica*. Rio de Janeiro, ano 32, n. 29, p. 61-95, 2015b. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/caliope/article/view/7410/7097>>. Acesso em 11/11/2018.

DE SOUZA, Camila Diogo. Considerations about burials and funerary practices in Geometric Argos, Greece (from ca. 900 to 700 B.C.E.). In: ROCHA, Leonor, BUENO-RAMIREZ, Primitiva & BRANCO, Gertrudes (Eds.). *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials*. Papers from the II International Conference of Transition Archaeology: Death Archaeology, 29th April – 1st May 2013. BAR International Series 2708. Oxford: Archaeopress, p. 307-318, 2015c.

DE SOUZA, Camila Diogo. As representações da morte na arte geométrica grega do século VIII a.C.: expressões de identidade coletiva ou individual. In: ORTEGA, Any Marise & PELOGGIA, Alex Ubiratan Goossens (Orgs.). *Entre o Arcaico e o Contemporâneo: ensaios fluindo entre Arqueologia, Psicanálise, Antropologia e Geologia*. São Paulo: IGLU Editora, p. 81-118, 2015d.

DE SOUZA, Camila Diogo. Cultuando os mortos e as divindades: expressões da religiosidade e a formação da *polis* grega no Período Geométrico (900 a 700 a.C.). In: DIAS, Carolina Kesser Barcellos; SILVA, Semíramis Corsi e CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa (Orgs.). *Experiências Religiosas no Mundo Antigo*. Volume II. Curitiba: Editora Prismas, p. 121-144, 2017.

TAINTER, Joseph A. Social Inference and Mortuary Practices: an experiment in numerical classification. *World Archaeology*. Abingdon, v. 7, n. 1, p. 1-15, 1975.

VAN DYKE, Ruth M. & ALCOCK, Susan E. (eds.). *Archaeologies of Memory*. Malden, Oxford: Blackwell, 2003. 256p.

WILLIAMS, Howard (ed.). *Archaeologies of Remembrance: Death and memory in past societies*. New York, Boston: Kluwer Academic; Plenum Publishers, 2003. 310p.

Recebido em: 09 de agosto de 2018

Aprovado em: 31 de outubro de 2018

